



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 14 de junho 2017 ALMEIDA PAVÃO

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

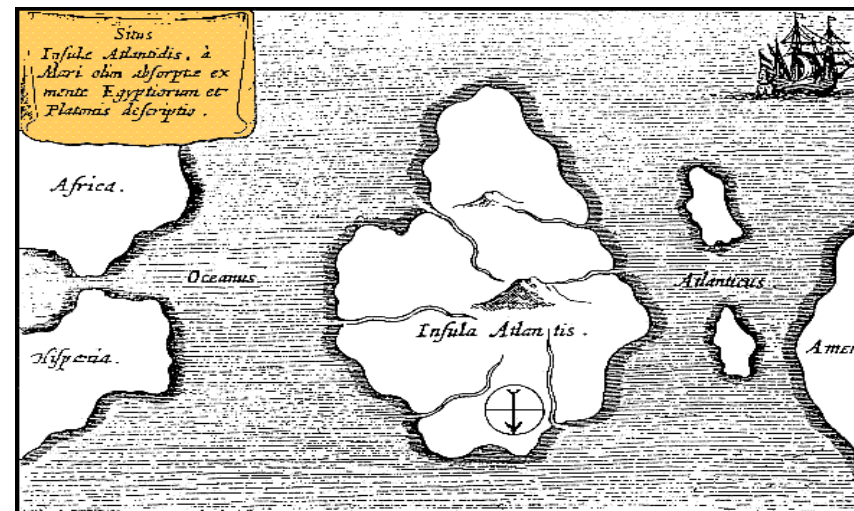


©™®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Este número da autoria de Vilca M Merízio é dedicado a ALMEIDA PAVÃO

1. VILCA MARLENE MERÍZIO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012

TEMA 1.1.4. HOMENAGEM A ALMEIDA PAVÃO, DAS RAÍZES À DIÁSPORA: PERENIDADE GARANTIDA PELA ARTE,

A partir de 1992, entidades culturais catarinenses receberam do Governo dos Açores biblioteca de autores açorianos: Núcleo de Estudos Açorianos, da UFSC, e o Museu Etnográfico – Casa dos Açores, de Biguaçu. Entre esse acervo, desponta a obra de J. de Almeida Pavão. Ser humano de incontestável envergadura moral e intelectual que, com simpatia e alma aberta, partilhava com amigos e familiares saberes e fazeres.

Em 1996, expôs sua obra na UFSC: sucesso! Pessoas queriam conhecer os livros, mas não havia exemplares à venda. Tive a sorte de receber doze publicações do autor. Pergunto-me: quem ou quantos catarinenses leram a obra de Almeida Pavão? Amigos, alguns privilegiados que já foram aos Açores, outros, poucos, que sabem da existência dessas bibliotecas? O que fazer, então?

Minha sugestão é divulgar em congressos, escolas, universidades, associações literárias (proliferam academias...) o que tais obras, ao lado de outras de igual valor, encerram, ao mesmo tempo que revelam, do universo açoriano: tipos humanos, ideias, comportamentos, tradição, reflexões e pesquisa, desde a realidade do homem ilhéu às profundezas do imaginário. Do popular ao erudito; da cátedra ao ambiente familiar. Tudo junto: eu criador e eu social.

Obra como criação cultural, ressonância do passado que se perpetua, pela arte, além-fronteira, atingindo público que, das mesmas raízes, ainda conserva o poder de sentir-se como se tivesse “corpo e alma de Ilha, mesmo fora dela”, Que sente essa “ausência perene” da qual fala o autor: “perpétua saudade que identifica a ânsia da partida com o desejo do retorno. Um cárcere que se transporta dentro de nós, à maneira duma tartaruga que fosse

capaz de engolir a carapaça que a protege, mas que a oprime’. Assim também somos e sentimos, nós, os descendentes dos que primeiro dos Açores imigraram para SC.

Conheci o Prof. Doutor José de Almeida Pavão nos corredores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, quando ele e a Sra. Dona Lili pediam informações a respeito do local onde ficava a parada de ônibus para o centro da cidade. A universidade estava em greve e o Prof. Pavão acabara de lecionar para uma turma do Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas. Ouvi o pedido de informação por acaso: também eu saíra de meu gabinete com certo atraso. Na secretaria do curso, naquela hora de almoço, não mais havia professores nem funcionários. Passava das doze horas.

Era 1986. Eu sabia da presença do casal Pavão em Florianópolis, mas ainda não os conhecia. Apresentamo-nos e, em razão da dificuldade em apanhar condução àquela hora e por considerar deselegante deixá-los sem companhia, convidei-os para almoçar em minha casa, que ficava a pouca distância da universidade. Aceitaram. Fomos a pé. A feijoadá agradou-lhes.

A Sra. Dona Lili confessou-se surpreendida pela facilidade como havíamos nos entrosado, inclusive almoçando juntos, em minha casa, numa segunda-feira, nem mesmo duas horas decorridas do nosso primeiro encontro.¹ Havíamos, naquele instante, iniciado uma trajetória de amizade, amor e respeito que até hoje perduram, mesmo já tendo os dois amigos partido para outra dimensão espiritual. Mais duas vezes, o Prof. Pavão e a Sra. Dona Lili voltaram a Santa Catarina.

Em julho de 1987, por ocasião da II Semana de Estudos Açorianos, na UFSC, visitaram-nos com uma comitiva grande, nela incluída uma representação do Governo Regional e professores da Universidade dos Açores, inclusive os Doutores António M. Machado Pires, Rosa Goulart e Maria Margarida Maia Gouveia, entre outros. Prof. Pavão e a Sra. Dona Lili também foram à minha residência, dessa vez na casa de sítio, em Picadas

¹ Foi naquela ocasião, que o Prof. Pavão falou-me entusiasticamente sobre os Açores, que eu conhecia apenas pelas lembranças da minha avó, pela história da colonização de Santa Catarina e pela vivência com os

manezinhos do litoral catarinense, na época ainda discriminados pelos descendentes dos colonizadores alemães e italianos do interior do Estado (com quem convivi até os meus dezanove anos).

do Sul, São José, onde, com todos os outros convidados, serviram-se de um churrasco à moda gaúcha, sem que os comensais sentassem formalmente à mesa.

Lembro-me da observação da Sra. Dona Lili, dirigindo o olhar complacente para os outros visitantes açorianos, como que a me desculpar: *em Roma, como os romanos*; e, sentando-se num banquinho baixo de madeira, apoiou o prato com saladas, farofa e carne de boi, nas pernas, tentando equilibrar o copo de suco de pitanga na mão esquerda. O Prof. Pavão, em paz, e à vontade, com mais sorte, pois encontrara uma pilastra sobre a qual apoiara o prato, e com a bonomia que lhe era característica, interessava-se em saber como se assava tão deliciosa carne de gado.

No mesmo ano, em outubro, cheguei a Ponta Delgada, onde permaneci por cinco anos, sempre amparada pelo casal Pavão que me abriu as portas de seu lar, pondo-me em contato com pessoas da sociedade açoriana, além de me dar – e à minha família – preciosas lições de vida e riquíssimas aulas sobre o Arquipélago dos Açores, Portugal Continental e as terras da diáspora no hemisfério norte.

Que me lembre, só mais tarde, em 1996, o casal Pavão retornou a Santa Catarina para participar das comemorações do Festival do Mar. E por que menciono sempre a Senhora Dona Lili, quando penso ou falo no Prof. Pavão? Por que o casal era inseparável. E, acredito, o caráter e a fibra da Sra. Olívia da Conceição Pereira de Almeida Pavão, a Dona Lili, devem ter servido de substrato para a composição dos traços fortes e positivos que marcaram certas personagens criadas pelo escritor J. Almeida Pavão.

Uma vez o professor me disse: *minha mulher é uma generala*, expressão que encontrei mais tarde no romance *O Fundo do Lago*, ao ser revelado o caráter de Liduína, esposa de Clemente Guimarães, mulher de espírito aberto, *paradigma de tolerância e compreensão*:

– *A minha mulher é uma generala. Nasceu para mandar. Eu obedeço como soldado disciplinado.*

[...] *Se alguma vez o Guimarães tentava pôr-lhe objeções, o olhar de Liduína fulminava-o sem mais delongas como a traduzir em linguagem discursiva:*

– *É inútil, Clemente, não gastes argumentos desnecessários.*

O marido, a justificar esta subserviência nada custosa, explicava aos estranhos:

– *A nossa vida é pautada por uma norma que nós observamos religiosamente: em casa, manda ela, mas fora sou eu que dou a sentença final.* (Pavão, 1987:31).

O excesso de zelo de Liduína para com o esposo Clemente é marcante.

No romance: *Guimarães tinha uma dívida perpétua de reconhecimento para com a mulher, embora com algumas reticências: a Liduína, com a imaginação incandescida pelo ciúme, arvorava-o às culminâncias dum Don Juan* (1987:31).

Acontecido na vida real: no final da década de oitenta, não sei precisar a data, houve um congresso promovido em Ponta Delgada pela Universidade dos Açores sobre as comunidades de cultura de raiz açoriana (se bem me lembro) a que compareceram o reitor da UFSC e outros professores catarinenses.

Fazia parte da programação cultural do evento um passeio pelos pontos turísticos da ilha de São Miguel. No dia aprazado, à entrada do autocarro, quando ainda estávamos escolhendo o lugar para sentar, a Sra. Dona Lili, sorridente, depois de me cumprimentar com dois beijinhos e um abraço, observou, sorrindo:

– *Então, estás com meu marido ao peito, hein!*

Sem entender o tom a observação, disse-lhe que não, que trazia o Prof. Pavão no coração – e logo acrescentei com sinceridade, mas também, no fundo, preocupada com a fama das mulheres brasileiras no estrangeiro: *trago no meu coração toda a família Pavão, a senhora também*. E ela, sem cerimônias, tocou no broche de marquesite com a forma de um pavão, recém-adquirido numa ourivesaria de Ponta Delgada, e que eu usava na lapela do casaco. Rimos, e o caso ficou por aí, embora a mesma cena tenha-se repetido sempre que eu aparecia com o tal broche na gola de um vestido ou do casaco.

Lembro agora que antes, assim que cheguei a Ponta Delgada, em 1987, sem marido, a quem o casal conhecia, e com quatro filhos, três dos quais já adultos, num jantar oferecido, se não me falha a memória pela Universidade dos Açores no Hotel São Pedro (acredito que foi durante o mesmo congresso), a convite do casal Pavão, sentei-me à mesa junto com os

seus amigos. Trajava eu um *tailleur* de veludo verde cujo casaco, sobre um vestido tomara que caia, apresentava um decote quadrado (no meu entendimento não muito pronunciado).

Assim que me acomodei ao seu lado, a Sra. Dona Lili, tirando uma echarpe da sua bolsa, ofereceu-me para cobrir-me o colo: *é melhor agasalhar-se, pode pegar uma constipação...* explicou-me ela. Acedi, agradecida, entendendo o que nós, as mulheres, às vezes não dizemos por palavras; no entanto, agimos por precaução. A partir daí, aprendi, e muito, com a Sra. Dona Lili, a viver nos Açores sem perturbar a vizinhança ou quem quer que fosse, em especial as mulheres.

E foram incontáveis naquela época, os domingos que passamos juntos, na residência do casal, junto com a família, nos passeios pela ilha (muitas vezes o Prof. Pavão me disse: *vocês – referindo-se também aos meus filhos – conhecem a ilha de São Miguel muito mais que a maioria dos micalenses*), nos aniversários em minha casa, quando eu lhes servia feijoada ou sopa de mocotó (na falta de melhor...), quando o Prof. Pavão podia, então, oferecer-nos árias musicais do seu seletor repertório.

E agora me vêm à mente também as canções do Aníbal Raposo e da Conceição Tavares que, admiravelmente, junto com os demais convidados davam-nos provas da beleza contida na música portuguesa. E havia o serão poético. Ah! Que encanto, meu Deus! E se espaço houvesse, outros nomes ilustres aqui poderia apontar.

Em quase todas as quintas-feiras, no final da tarde, ou muito cedo, logo depois do almoço, de 1987 a 1992, excetuando apenas quando estavam em viagem ou com sérios compromissos, o casal passava rapidamente por minha residência – só o tempo de um chá – para, no sentido de dar-me apoio. Jamais poderei deixar de me sentir grata e orgulhosa por tão generoso acolhimento, acompanhamento incondicional e companheirismo durante a minha formação em Ponta Delgada. Amor familiar mesmo. Com simpatia e alma aberta, ambos partilhavam seus saberes e fazeres. Por isso, aos dois, a minha gratidão, ternura e

² Nome próprio conforme anuncia o escrito na capa de *Horas sem Tédio* (2001). Ou: José de Almeida Pavão, José Almeida Pavão, ou, ainda José de Almeida Pavão Jr., poeta, romancista, ensaísta, pesquisador, amante inveterado e divulgador da cultura açoriana. Prof. Doutor Pavão tinha o dom de ensinar por tudo o que vivia e contava. Era um *homem de bem*, como o definiu Vamberto Freitas. A Prof.^a Doutora Maria do Céu Fraga, que o substituiu na

cadeira de Literatura Portuguesa na Universidade dos Açores confirmou: o Professor *conseguia muito bem conciliar a parte da exposição de ideias, em que era muito vivo, com a parte do trabalho duro, onde ele também era muito exigente* (Açoriano Oriental, 2003:3).

- *Primeiro ela, quero que Lili fique bem.*

Dona Lili adormeceu na sala. O Prof. Pavão arrumou-lhe as almofadas e levou-me até a porta. Despedimo-nos pela última vez. Em 2003, telefonei para a filha do casal, cujo endereço eletrônico eu encontrara por acaso. Doutora Leonor me deu a notícia: o Prof. Pavão, meu querido amigo e compadre, havia falecido. A Senhora Dona Lili estava bem; mas nunca mais a vi. De ambos, conservo intacto o calor da amizade e condolente saudade. Vivesse entre nós hoje, Prof. Pavão estaria com 93 anos de idade.

Faleceu com 84 anos, dos quais, conforme já dito, cinco tive a graça de partilhar com ele e sua família (1987-1992) num convívio de muita amizade, compreensão, troca de experiências e aprendizagem (da minha parte), cheguei mesmo a convidá-lo para padrinho de crisma do meu filho mais moço, então com 17 anos. De 1992 até sua morte, continuamos a amizade jamais quebrada pelos longos períodos de ausência física; pelo contrário, cada vez mais solidificada pelo respeito mútuo e admiração crescente.

Quando optei por homenagear o escritor açoriano J. Almeida Pavão², tinha em minhas mãos quase uma vintena de livros de sua autoria, grande parte dos quais oferecidos pelo próprio autor, outros, minuciosamente garimpados em bibliotecas catarinenses, todos configurando o retrato da feição poética e científico-literária desse grande humanista nascido em Ponta Delgada em 1919 e falecido na mesma cidade em 20 de setembro de 2003. Do seu patrimônio imaterial, remontam *mais de sessenta publicações, que incluem investigação, ensaios e ficção* (Pavão, 2001, 2ª orelha), dos quais contam estudos e análises literárias, ensaios, artigos e teses sobre grandes nomes e temas da literatura portuguesa.

cadeira de Literatura Portuguesa na Universidade dos Açores confirmou: o Professor *conseguia muito bem conciliar a parte da exposição de ideias, em que era muito vivo, com a parte do trabalho duro, onde ele também era muito exigente* (Açoriano Oriental, 2003:3).

Consegui pelo site Estante Virtual sua primeira obra publicada sob o título *Sub Tegmine Fagi*, de 1947: sete ensaios a que o autor pediu que não rotulassem de crítica literária: (1) *A sombra de Bernardim Ribeiro nas 'Saudades da Terra' de Gaspar Frutuoso*, (2) *Mito e Fatalismo no Sentimento Trágico dos Gregos*, (3) *Os Reflexos do Fatalismo Grego num Clássico e num Romântico*, (4) *O sentido da Realidade em Júlio Dantas*, (5) *A indisciplina Romântica de Eça na sua Evolução Literária*, (6) *O Diabo na Literatura* e (7) *A Eternidade de D. João*.

Nas *Duas Palavras de Abertura*, texto que antecede os ensaios *Sub Tegmine Fagi* (1947), o autor posiciona-se a respeito da crítica portuguesa da época e seus autores, que se *arroga[va]m um saber enciclopédico aliado à superabundância do talento capaz de devassar todas as esferas*, e que se vangloriavam de *dizer mal da prosa ou dos versos dos outros*.

Dizia J. Almeida Pavão que a verdadeira Crítica, era aquela que, segundo ele, deveria ocupar *um lugar ao sol, como subsidiária da Cultura*, que desempenha *papel relevante [e] que voga muito acima desses conceitos mezinhos de se dizer à boca pequena o que não havia coragem para ser dito em público...*

E continuava, no mesmo parágrafo... *o mal dos portugueses está no uso e no abuso das Ideias Gerais, apanágio de tantos pseudo-Fradiques, que escondem a sua superficialidade no ouro da ciência barata dos compêndios* (Pavão, 1947:1). E esse testemunho inabitual, maneira de ser que fugia à regra do senso comum expresso naquele momento, foi o fulcro determinante por onde navegaram suas obras vindouras.

Com esse pronunciamento, inaugurou-se a pedra fundamental onde se alicerçou o eixo do que pode ser considerado o seu mito pessoal, no dizer de Charles Mauron (1962), ou como mais recente tem-se evidenciado, expandindo em viva voz o estilo do seu pensamento de acordo com as Ciências da Vida (Parreiras, 2006); melhor eu diria: as ciências literárias que servem de fonte e de foz da criação artística.

Essa opção por repelir a má-língua no julgamento de obras alheias, manifestada ainda no começo de sua carreira, acompanhar-lhe-ia por toda vida, imprimindo-lhe incontestável

envergadura moral e intelectual e plena aceitação em toda a comunidade científica. Ainda há algumas semanas, no Brasil, às margens do Atlântico Sul, na ilha de Anhatomirim, ouvi dele dizer: o Doutor Pavão *era um querido*. E quem dizia, num misto de ternura e reconhecimento e com conhecimento de causa, era a Prof.^a Doutora Maria da Graça Borges Castanho. Impunha-se naquele distante 1947, publicamente, o homem de letras, o professor que defendia a crítica de pendor construtivo, aquela que, na sua *função interpretativa, pode abrir novos horizontes ou lançar um rasto de luz nas trevas de que por vezes se rodeia a solução de um problema não raro mal posto...*

O Prof.; Pavão era a favor da crítica (e ele a grafava com letra maiúscula) que, *desprovida de ideias preconcebidas, orienta[ria] as correntes de gosto e da opinião*, ao mesmo tempo, sistematiza[ndo] a *Cultura* (Pavão, 1947: I). Contudente, o mestre afirmava: *ser um crítico de arte não implica necessariamente que este seja um poeta ou um pintor, interpretando, comentando ou corrigindo aquilo que ele próprio não faz ou pode não ser capaz de fazer*.

E tomando os imperativos da profissão que abraçou, o magistério, força que o impeliu ao estudo permanente e *ao uso exclusivo de todas as energias, com sacrifício quase completo doutros sectores de atividade espiritual*, punha-se ao lado do professor competente que, ao contrário do pedagogo de atitude despótica, rejubila-se com *o...aparecimento de novos valores que despontam para a vida*; e concluía o humanista micaelense que exercia o magistério como um sacerdócio: *é no interesse desinteressado de si próprio que se cifra a beleza do magistério...assim como disse Aquiles a propósito de um filho: Mas este era muito melhor do que era o pai* (Pavão: 1947: III-IV).

Querida que os seus alunos ultrapassassem-no em sabedoria (impossível, isso!). Educador e Amigo assim era J. Almeida Pavão. Homem de fé tinha o dom de ensinar por tudo o que vivia e contava. Era um *homem de bem*, definiu-o Vamberto Freitas. A Prof.^a Doutora Maria do Céu Fraga, que o substituiu na cadeira de Literatura Portuguesa na Universidade dos Açores confirmou: o Professor *conseguia muito bem conciliar a parte da exposição de ideias, em que era muito vivo, com a parte do trabalho duro, onde ele também era muito exigente* (*Açoriano Oriental*, 2003:3).

Na dedicatória de *Sub Tegmine Fagi* (1947) dirige-se ao Pai, com uma ternura que tanto envolve a sua ascendência quanto a descendência (dois filhos e netos); a sua ternura paternal transcende a família de sangue e bafeja alunos e amigos. Na dedicatória ao Pai, diz: *À memória de meu Pai em/ quem encontrei, acima de tudo/ um Amigo, o melhor exemplo/ a legar ao meu filho* (Pavão, 1947: Dedicatória). E, assim, amigo de todos, ouvindo para aprender e ensinando sempre, até o final do seu tempo, foi fiel a si mesmo, deixando o registro escrito de suas pesquisas e estudos como investigador, ensaísta, articulista, romancista, poeta e professor.

Poderia dizer mesmo que esse pendor de J. Almeida Pavão ergue-o ao estatuto das bem-aventuranças quando partilha, de boa vontade, casos e causos do seu cotidiano. Nesses momentos, a modéstia que o identificava dava provas da sua grandeza interna, permitindo que o seu nome fosse inscrito indelevelmente na galeria dos que se afirmam como os melhores, desde a terra onde medraram suas raízes até os países da diáspora açoriana.

Ainda em relação às suas obras de investigação, vieram outros textos ensaísticos onde foram abordadas obras de Gil Vicente, Frei Luís de Sousa e Garrett, Luís de Camões e Fernando Pessoa, Antero de Quental, Vitorino Nemésio, só para citar alguns, desde a poesia à ficção narrativa; do romance clássico ao folclore; do teatro às tradições populares; do documento histórico, político e social aos temas religiosos; das referências às paisagens telúrica e humana da ilha de São Miguel ao falar das gentes dos Açores e de Santa Catarina.

Nada escapou ao ensaísta que tinha na alma o condão de transformar em poesia tudo o que os seus olhos viam e o coração sentia. Em 1956, publicou *O Sacrifício*. Ensaio que aborda o tema do sentimento religioso. Na *Nota Breve* que antecede o texto, diz que é *um trabalho de pura especulação*, sem apologia a nenhum credo. Da segunda parte, das *Manifestações do Sacrifício Antropocêntrico entre os Primitivos*, destaca que...*o homem crê no destino, mas integra[...]o no mundo da sua vivência* (Pavão, 1956: 219). E a sua compreensão sobre o destino foi transposta para a ficção. Tanto que, no que se refere às narrativas, a força arquetípica do destino, da sorte ou do fado, provavelmente pesou na escolha das diretrizes que o ajudaram a compor as suas personagens, muito especialmente as femininas, como é o caso, por exemplo, de Marianinha e Margarida.

Em *Marianinha* (1997), o narrador, no final do romance, dá a entender que crê no destino e na previsão da cigana. Entretanto, Marianinha, sofrida e calada, vivendo num tempo mais afastado do nosso, justificava-se, lembrando as palavras da mãe a propósito de uma promessa que pretendia que a filha fizesse a favor da recuperação do marido dependente de drogas ilícitas: *nós, os humanos, é que somos responsáveis pelos nossos atos. Para isso Deus nos concedeu inteira liberdade*.

Ela nada fizera para receber a punição de ter um marido malandro, irresponsável, traficante e usuário de drogas. Por isso, em seus pensamentos, ainda acovardado pela educação assentada na religião do castigo, terminava sempre com um ato de contrição: – *Perdoai-me, Senhor, por vos ter ofendido* (Pavão, 1997:138). Mesmo reconhecendo a situação, subjazia na consciência o pecado. A culpa instalara-se na inocente. Em *O Além da Ilha* (1990), mais culta e socializada do que Marianinha, Margarida tem outra concepção a respeito do seu próprio destino. Ao dar contas de sua vida e, principalmente, do seu labor literário para a amiga confidente, à pergunta *Onde aprendeste tudo isto*, responde:

– *Na busca de um encontro comigo própria e da minha própria liberdade.*

Foi a luta contra a adversidade que me ensinou. Deixar de me submeter passivamente ao destino. E o destino...é constituído...por um conjunto de circunstâncias criadas por nós próprios. Fui eu a grande responsável do que me aconteceu. E, como tal, hei de superar-me a mim mesma. Tem de ser a razão a vencer e, com esta armadura de sofrimento, sinto-me mais forte para enfrentar o futuro. (Pavão, 1990:131).

Os tempos eram outros. A evolução acontecia. A descoberta da força interior alavancava as consciências, embora a fé numa força superior continuasse tão forte quanto em todos os tempos idos:

– *Creio numa força sobrenatural, misteriosa que, neste mundo, me instila a coragem que sinto para enfrentar o mundo. Um Deus interior, que se instala no meu próprio ser. Uma voz que sinto e cujos ecos reboam, ao mesmo tempo estranhos e inerentes à minha essência. Um Deus feito de vontade e determinação.*

E o julgamento da amiga madeirense encerrou a questão: Marianinha, agora, depois de todo o sacrifício pelo qual passara era Uma *alma que sofre metamorfoseada num ser que pensa* (Pavão, 1990: p. 222-223). Estava posto o Mistério...Mas o escritor não escreve para si mesmo, porque, se assim fosse, ele encontraria no texto criado apenas o seu saber, a sua vontade, os seus projetos. E encontrar-se-ia inexoravelmente! E não se sabe o que poderia resultar disso.

Dentro da sua condição humana, poderia encerrar-se na redoma das suas fraquezas ou cristalizar-se nos picos de glória, não mais se importando com a magnificência do cenário natural em que habitasse, no caso em foco, o arquipélago dos Açores, tão cheio de exuberâncias e tão frágil quanto aos cataclismos. Nem a sua gente tão rica de predicados, persistente, forte e generosa no lar farto, mas também com aquela parte, mesmo que minoria, solta de língua e encolhida na casca de um, céu cinzento, despertaria o seu interesse de pintor das letras nessa ilha mãe e madrasta conforme o capricho momentâneo da natureza.

A aclamação aos santos, o sacrifício dos romeiros por uma boa causa, o folclore, as danças populares, as quadrinhas, as sopas do Espírito Santo, a fé no Senhor Santo Cristo, as promessas, a cultura urbana e a do campo, a evolução dos costumes, a destrinça entre vizinhos e gerações conflitantes, a vontade de expansão mar a fora quando a falta do que comer desenha sonhos de abundância, a coragem da entrega ao desconhecido (o Além da Ilha...), tudo fornecia matéria para o imaginário de J. Almeida Pavão. Mas, se na sua obra, o riso e o pranto coabitam, a tragédia é sobreposta pelo engraçado – *Queres mais água, Jacinta?* - pela resolução dos conflitos, pela volta à paz.

E quando penso num espírito tão singular quanto o de J. Almeida Pavão ao tratar de uma rica e múltipla gama de temas e modos da cultura da sua região, lembro-me da pergunta que frequentemente José Martins Garcia impunha quando procurava demarcar uma obra literária posta em leitura: qual o modo pelo qual o autor descortina o fulcro de sua obra? E se me fosse dado responder, não vacilaria em dizer que J. Almeida Pavão escrevia (para usar uma expressão de David Mourão-Ferreira) o que ele considerava mais sublime e sagrado: a Vida com tudo o que ela é.

Possivelmente bebendo na fonte dos grandes mestres da literatura portuguesa, também ele, Mestre, respeitou os costumes de sua terra natal, com seus altos e baixos, evidenciando a sua gente, com as suas glórias, seus troços, misérias e condenações. Possivelmente, enjoou-se quando teve de contar as mazelas escondidas nas quatro paredes de uma casa, a velha mortificação da alma quando se sabe que a inimizade alicerçada na traição floresce entre irmãos, vizinhos e parentes.

Condescendente, sabia a distância que vai da aceitação à comiserção. Salva tudo isso o seu lirismo pungente que lhe permite intrometer-se na diegese, deixando sua voz ser reconhecida por aqueles que com ele privavam. Mesmo assim, em seus aproximados 54 anos de escrita ininterrupta, falou, anunciou, denunciou. Disse. Disse diretamente pela palavra oral, por fábulas, pelo exemplo, sobretudo pelo registro escrito, cuja leitura comprova ainda hoje o monumento que sua obra é.

Em todos os tempos, e em todas as pátrias, na relação autor/leitor, uns mais que outros escritores têm o condão de conduzir o leitor na direção do seu objetivo, muito embora o próprio texto distancie-se da intenção primeira do autor. Jean-Paul Sartre (2004:14) afirmou que o escritor lida com os significados, enquanto os poetas silenciam ao alcançarem o que está além do signo, além da linguagem, além das palavras que se instalam no nível exterior do homem.

O poeta vê as palavras *do avesso, como se não pertencessem à condição humana*; o escritor não se serve da palavra como um signo de um aspecto do mundo, ele apenas a reveste da imagem de um desses aspectos, criando o *espelho do mundo*, onde a sonoridade, a extensão, as desinências, as aliteraões, as onomatopeias e as animizaões representam muito mais do que significam. Por outro lado, Milan Kundera (1991: 18) partilha a ideia de que *a única razão de ser do romance é descobrir uma porção de vida até então desconhecida da existência*. Eu diria que, J. Almeida Pavão, acima de tudo, e principalmente nas suas narrativas, descobre e desvela para revelar aquilo que sua percepção primeiro viu e sentiu como coisa verdadeira, fermentou o visto, o sentido e o intuído em seu imaginário, depois manifestou a amálgama criada sob forma de arte literária.

O modo de ser, de pensar e de agir de suas personagens – que vão do cômico ao trágico – pode até ser apontado como originado em fatos reais, mas a sua obra ganha foros de universalidade quando a literariedade do conjunto transcende o regional. É dentro desse aspecto que J. Almeida Pavão, no mais das vezes, deu voz ao seu eu lírico que surge demasiado em sua prosa de ficção. Bem assim como Sartre diz: *a palavra que arranca o prosador de si mesmo e o lança no meio do mundo, devolve ao poeta, como num espelho, a sua própria imagem* (2004: 15 e 16).

O ser lírico manifesto na prosa de José de Almeida Pavão já foi apontado por Francisco Topa na Apresentação de *A Roda do Tempo*, de J. Almeida Pavão (1993: 3), aquando da sua segunda edição, ao focar o tempo da memória, que se expressa pela presença de:

...um eu claramente expresso...um eu que se projeta e se revela, mesmo no discurso sobre os outros, à maneira de uma fotografia em espelho que revelasse mais o interior do fotógrafo. Concluída a leitura, a imagem mais forte que nos fica é desse eu – entrevistado de perfil, denunciado por pequenos traços que vão assumindo contornos líricos.

Francisco Topa exemplifica essa quase osmose entre autor/narrador e personagem do conto *Entre a terra e o mar*. Depois de fixado o retrato de João Lezinho, maltrapilho e miserento, pai de família, morador de praia de cuja casa o mar, à medida que lhe dava o sustento, perturbava-lhe o modo de viver; o confidente que lhe destruíra o teto, não era o causador dos males de sua vida:

– Má raios partam o vento, que não deixa em paz o mar! (Pavão, 1993: 179).

J. Almeida Pavão é um poeta e, concomitantemente, investigador convicto. Ele, pelos seus escritos, fala, conta, acrescenta, declara, traz à lembrança, relaciona, contorna, interpela, persuade e ensina. Nele é a mente que opera através do coração. O poeta convive, partilha, comove e nos comove pela sua própria comoção. Por isso, não posso

deixar de fazer menção a dois dos textos de *Evocações* (1968: 167-175): *A Personalidade de Milorde* e *Lamentos de uma Formiga*, o primeiro dedicado ao filho Eduardo, o segundo uma forma de, em nome do seu próprio altruísmo, fazer jus à cigarra tão vilipendiada na literatura pela fama de malandra.

Amiga cigarra... Admiro-te pela felicidade de seres boa... Admiro-te...vivendo o sonho da tua arte e a beleza do teu canto com uma firmeza inquebrantável, superior ao desânimo ou à decepção que poderia trazer-te uma visão mais lúcida do mundo e dos seres que o habitam.

Admiro-te pela ingenuidade com que interpretas a maldade dos outros...pela fome que te realça, em pequenos e curtos contrastes, os contornos da ventura que persistes em não perder, insensível aos favores alheios.

Admiro-te...por aquela felicidade que eu não tenho e que imagino nos outros que eu julgo menos tristes e menos desventurados do que eu. Uma felicidade que se reflete no fundo da minha alma como uma dor de ausência e de privação daquilo que se deseja e que se crê que nunca se possa possuir. Felicidade que é, que se sente, que se quer e que se imagina. (Pavão, 1968:181).

Aí o retrato do homem em reverência à Natureza. Bem essa a imagem que trago do Prof. Pavão. Desde que optei por homenageá-lo, falando de sua vasta obra, pensei reportar-me apenas à sua obras de prosa poética e ficção narrativa: *Evocações* (1968), *O Fundo do Lago* (1987), *O Além da Ilha* (1990), *A Roda do Tempo* (1993) e *Marianinha* (1997); no entanto, o texto por si só se constrói e, diante da memória saudosa do querido amigo e autor, outros trechos foram transpondo o umbral da escolha.

Do elenco acima citado, que pretendi que fosse o *corpus* deste trabalho, só não faz parte *Os Xailes Negros*. Explico: por ironia do destino, talvez, não encontrei exemplar algum em toda Santa Catarina³ e nem mesmo nas bibliotecas públicas, livrarias e sebos do Brasil.

³ É possível que o Prof. Celestino Sachet possua exemplar de *Os Xailes Negros*, mas não me foi possível contato com o professor.

O exemplar que, cuidadosamente ocupava lugar de destaque no meu acervo particular, também sumiu. Portanto, de *Os Xailes Negros* só tenho em mãos limitada bibliografia passiva. Aliás, sobre a fortuna crítica da obra de J. Almeida Pavão, em Santa Catarina, infelizmente existe pouco material. Sobre essa falta, Vamberto Freitas, ao considerar J. Almeida Pavão como o profissional *sempre pronto para ver o bom e o positivo na obra alheia* (*Açoriano Oriental*, 2003:3), afirmou ter existido uma *certa injustiça crítica* em relação à obra de Almeida Pavão, em especial frente a *Os Xailes Negros*, *precioso documento sobre a mais conturbada época moderna do nosso país* (Freitas, 1992:73 e 74).

...os Xailes Negros contém em si...uma clareza narrativa...algumas das poucas...pulsações dos anos 60 e 70, em Portugal. Narrativa ora de hesitações, ora de intromissões mais ensaísticas e moralistas do que ficcionais...nos seus melhores momentos quase que desanda para nos oferecer um retrato perfeito do seu tempo. Romance de denúncia e ao mesmo tempo, de clara apologia de um mundo que está visivelmente a cair, digamos que é o texto perfeito da era nacional caetanista. Reconhece um passado perdido, mas teme a incógnita do futuro.

O meio físico – o das ilhas – e psíquico – como resultado de se ser ilha e de se estar na ilha – prendem o ser à terra ao mesmo tempo que estimulam a fuga pelo mar ou ar; e essa vontade de emigrar que pode parecer ser o fim da miséria como solução de abundância para a maioria dos autores açorianos, em Almeida Pavão não é. A fuga malsucedida de Guiomar e o amante da novela *Crime na Povoação Velha*, escrita pela personagem Margarida a partir da informação histórica fornecida por Gaspar Frutuoso e encaixada na narrativa principal sob a forma de *mise en abyme* do romance *O Além da Ilha* (1990) provam-nos que não é.

José Martins Garcia demonstra que para J. Almeida Pavão, o ato de emigrar reveste-se de um tom próprio: *...partir para a América representa a solução para situações difíceis, por outro lado, essa solução acarreta dissabores e frustração* (1987: 121-122) ao exemplificar com o sofrimento de Manuel, personagem de *Passaporte para a América* (*Evocações*, 1968:133-140), micalense de torna-viagem que, embora tentasse se convencer de que havia realizado seus sonhos de felicidade fora da ilha (levaria uma conterrânea como consorte), no estrangeiro seus projetos *de vida são totalmente*

aniquilados quando ela o *larga com um filho de uma ano, para casar com um rapaz da sua idade*. E J. Almeida Pavão conta:

Ao regressar:

... Manuel voltou. Vinte e cinco anos... decorrido[s] como vinte e cinco séculos. As primeiras notícias não tinham sido boas, valha a verdade! Custara-lhe, de começo, a entender aquela algaravia dos diabos, as letras eram poucas e valera-lhe o primo... – E tua viola, Manuel? – Qual viola! A gente tem lá tempo para pensar na viola? Nem para dormir... ...era dormir com o corpo moído e bêbado de sono.. Mas as saudades!... À hora de deitar, o Manuel não ocultou uma lágrima de júbilo ao deparar com a sua velha cama com uma nova colcha de fustão branco... (Pavão: 1987:134-1137)

Assim, nas narrativas de Almeida Pavão, a emigração surge como arremedo de uma situação conflituosa, tal como no caso da afilhada Fatinha, que, violentada pelo padrinho Sebastião, aceita o casamento com o amor da sua vida (José Luís) e viaja para o exterior, com aquele marido, cujos olhos estavam postos na terra da abundância, aceitando criar o filho que não era seu (*No Fundo do Lago*: 1990). O amor que unia os dois jovens venceu, embora o remorso tenha acompanhado insistentemente Alexandre, o pai da noiva, o qual, visitando a filha e já com saudades da ilha, não se acostumava com as comodidades americanas: e na América *...uma saudade súbita fazia-lhe rolar uma lágrima que vinha perder-se, evaporando-se com o calor da face*. (Pavão, 1987: 246).

A saudade, sempre presente nas lágrimas do açoriano que parte e na mágoa do açoriano que fica. Outro caso de violação sexual acometida pela figura de um padrinho e sogro em relação à sua afilhada e nora está presente em *Marianinha* (Pavão, 1997), cujo desfecho leva o irmão da agredida a cometer um crime de assassinato em defesa da irmã, personagem que também sofre calada a ausência de um marido inconsequente dedicado à droga e a outras delinquências até à sua prisão e morte:

Marianinha escrevia agora um presente sem futuro. Era como se mão estranha lhe tivesse arrancado as últimas páginas do livro da sua existência...em cujo percurso as relações entre a realidade e o sonho se combinam em movimentos

recíprocos, mas divergentes. [...] A existência de Marianinha assemelhava-se a uma hora de crepúsculo eternizada e sem cambiantes ou a uma paisagem lunar, feita de solidão e silêncio. Viver para quê?

Salvou-a o filhinho, o seu luzeiro de esperança: – *Querido filho da minha alma! Vais ser feliz!*

Mais uma vez, o bem vencia.

Em *O Além da Ilha* (1990:150-151), outra desdita: o namorado de Margarida, açoriana afastada de sua ilha, estudando em Lisboa, engana-a. Ela engravida e, com receio de não ser compreendida pelos pais, esconde a verdade. Depois de um acidente, em que perde a criança, a mãe descobre a situação e a ajuda. O pai também a perdoa. Mas, durante o conflito, expulsa do colégio onde era interna, e sem o apoio do noivo, a personagem entrelaça no mesmo sentimento de medo e vergonha, a proteção e a saudade: a Mãe e a Ilha – Mãe/Ilha.

A Mãe e a Ilha...um espaço virtual de tranquilidade de espírito, de segurança e de paz, a constituir um mundo endêmico, muito diverso dos outros mundos, seguro, no isolamento e na distância, pelo mar que o cercava como uma muralha protetora. A Ilha-ermo transmutava-se num objeto de sonho e de refrigério. Agora era outra Ilha que ela tinha dentro de si e do seu desamparo. Duas Ilhas que contracenavam numa dialéctica de forças entre a saudade e aquele pavor de se sentir só. Terrivelmente, irremediavelmente só. A Mãe e a Ilha convertiam-se... na Ilha-Mãe.

E a ilha, essa ilha que viaja, como disse José Martins Garcia (1987:119) transformada em ilha-mãe era o mesmo caracol em cujo corpo se enlaça o cárcere e a liberdade. Para J. Almeida Pavão: *A Verdadeira Ilha, que transita das coordenadas geográficas para um mundo de irrealidade que se interioriza em mim, participando dum devir que só morre com*

⁴ ... *toda obra de ficción, todo poema, cuando es vivo, es autobiográfico. E mais: Todo ser de ficción... hace parte del autor mismo. Y se éste pone en su poema un hombre de carne y hueso a quien há conocido, es después de haberlo hecho suyo, parte de si mesmo. Vivir en la historia y vivir la história! Y um modo de vivir la historia es contarla, crearla em libros...* Toda obra de ficção é autobiográfica. Todo ser de ficção...faz parte dele mesmo. E

a alma (1990:15). Miguel de Unamuno (1989:127;130) diz que toda a narrativa de ficção contém de uma forma ou de outra traços da vida do próprio criador literário. A permanência de certos romances que se eternizam são testemunhos do movimento constante: tudo o que se processa no imaginário do autor traz em si parte do seu criador; por isso o poema ou a obra de ficção contém uma porção autobiográfica. E se o escritor foi sensibilizado por uma pessoa, no momento em que ele se apropria das características daquele ser, o resultado é uma ficção; portanto quando o personagem nasce ele nasce do escritor ou poeta não importa em quem ele tenha sido inspirado.

*Viver na história é viver a história! E um modo de viver a história é contá-la, criá-la em livros.*⁴ Quer dizer, há uma lógica entre a intencionalidade do escritor e a utilização de certas virtudes e/ou características físicas de determinadas pessoas do seu convívio para compor as personagens. Afinal, o autor está trabalhando com fatores humanos e podem coincidir, ou ele mesmo pode optar, por valer-se de certas prerrogativas que suavizam ou enfatizam traços de personalidades dos que vivem a sua volta.

Em relação ao ciúme, por exemplo, no romance *Marianinha*, a personagem Teresinha, acintosamente ciumenta, culpava as demais mulheres pelos possíveis deslizes do marido Bezerra, ao qual desculpava as pequenas traições, ou à *pequena 'facadinha' no matrimônio*, em nome da condescendência usual própria das mulheres da primeira metade do século passado que aceitavam a ideia corrente da necessidade viril do homem, *espécie de atributo imanente ao sexo masculino*, de dar uma escapadela conjugal. Mas a culpada sempre era a outra, a instigante que provocava o deslize.

Não seria a velhaca da Lajinha que andaria a pôr a cabeça do marido a andar à roda? O diabo que o jurasse, se não tinha sido ela a provocá-lo, com aqueles trejeitos dengosos de serigaita lambida. [...] amaldiçoava agora as mulheres da Lomba – mãe e filha – às quais não dirigia palavra, dizendo, furibunda para si:

se esse colocar em seu poema um homem de carne e osso a quem conheceu, depois de se ter apropriado dele, ele é parte de si mesmo... *Viver na história é viver a história! E um modo de viver a história é contá-la, criá-la em livros* (Unamuno, 1989:127;130) (tradução nossa).

– *Rica justiça, não há dúvida! Matam o meu rico marido e pouco faltou para porem em liberdade o assassino. Má fogo os abrase, que não quero vê-los diante de mim!* (Pavão, 1997:154 e 184).

Mas essa leitura de ir além do texto, depende da capacidade de interpretação do leitor que figura sempre como colaborador da obra literária desde que ele desvende o mistério que encerra aquela escrita, recriando, por sua vez a trama apresentada. E esse apelo implícito do autor também se faz presente na obra de J. Almeida Pavão, haja vista a sua preocupação com o meio social, político, cultural e familiar do arquipélago açoriano.

O texto de ficção vale pelo que é e não pelo que nele busca o pesquisador. Milan Kundera (1991:60), em *A Arte do Romance*, diz categoricamente *que o romancista não é nem um historiador nem um profeta: é um explorador de existências* e explica que a existência, sendo o campo das possibilidades humanas, permite o desvelamento do que é estar-se no mundo. Assim, há que se entender os elementos constitutivos da obra de arte literária como uma possibilidade humana resultante da própria vida, tanto na forma de retrato das personagens, quanto na ação e no cenário. O universo literário é um mundo de possibilidades não importa de que fontes foram bebidas. A imaginação do autor é que as faz frutificar até despojarem-se do seu elã primordial que pode ou não estar vinculado à realidade de vida do autor.

No Prefácio da 1ª edição de *O Fundo do Lago* (1978), J. Almeida Pavão, vale-se da assertiva de Jean Cohen,

O poeta é poeta não pelo que pensou, mas pelo que disse, querendo dizer que a obra, sendo *pertença do público*, não pode explicar-se pelas *intenções que lhe sejam porventura subjacentes*; o leitor é que se converte em seu *juiz ou intérprete*. O que o autor tentava era, pela segunda vez, a *experiência de um romance tipicamente açoriano*.

E no Prefácio da 2ª edição da mesma obra (1987), justifica, nove anos mais tarde: *O Fundo do Lago pretende ser em parte um testemunho ou um depoimento sobre uma época e uma sociedade conturbadas, na região insular, reflexo de uma viragem maior a nível nacional...* evidenciando o comportamento de *certas personagens por entre as*

manifestações frequentemente estereotipadas, próprias das agitações de massa e de aspectos específicos da emigração. Na obra, entremeiam-se o cômico e o trágico que transpostos para o plano da ficção, não deixam de se constituir como componentes irrecusáveis duma teia, que é a própria vida real. (Pavão, 1987). A História, nesse caso, pano de fundo da trama, foi utilizada como uma situação existencial por meio das ações das personagens, em especial de Liduína, deixando à mostra a caracterização do homem e da mulher das ilhas em plena sociedade que evoluía.

A conversa, que principiara em separado, em dois grupos, segundo os sexos, acabou por se generalizar e descambou para a política, a incidir sobre a nova ordem social e sobre as últimas conquistas revolucionárias: ... nem reforma agrária, nem ocupações ou expropriações, poucas reivindicações e, quanto a saneamentos, praticamente zero. Uma miséria! Não havia dúvida de que o povo açoriano ainda se encontrava muito pouco e muito mal esclarecido... (Pavão, 1987:81).

Essa mesma preocupação com a realidade insular circundante e a sua transposição como matéria ficcional é reafirmada, assim como já fora nos romances anteriores, pelo autor micaelense no texto *Uma vida de romance*, que precede o primeiro capítulo de *Marianinha*:

Uma vida de romance ou romance de uma vida? Dois termos mutuamente imbricados...Uma existência real romanceada na sua essencialidade, que assume...uma expressão escrita literatizada. Há realidades que, na sua intensidade factual e dramática, se assemelham à superlativação ou à refração, próprias do ficcionismo, como há ficções que se afiguram ao acontecido no tablado da realidade vivida e sentida. A história duma vida ou uma vida com história para contar. Sim porque há vidas sem história. Mas a história (referimo-nos à estória) também possui a sua autonomia, mesmo quando procura refletir a realidade vivida. Autonomia na medida em que a sua ação se desenrola numa linha paralela à do real que caminha ao seu lado, mas sem nunca se encontrarem. (Pavão, 1997: 15).

Ao transcender o seu mister de investigador, a ligação com sua terra natal faz J. Almeida Pavão deixar rolar a pena a partir de sua alma iluminada e descreve a ilha em peças ricas em imagens metafóricas que, afastando-se do documental, transportam o leitor

para o mundo infinito da poesia. E é principalmente no romance *Marianinha*, a par do que vinha acontecendo em outras obras de cunho ficcional que J. Almeida Pavão consegue as mais ternas páginas sobre os cenários em que assentam as suas estórias: as paisagens paradisíacas da ilha de São Miguel que, por toda a sua vivacidade, são actantes encenando num espaço humanizado, ou melhor, dizendo, personagens e uma ilha animizada. No entanto, a voz do narrador de *Marianinha* alerta que não é no aspecto turístico das ilhas, no passeio pó fora *que se revela a alma insular*. É preciso *...ver por dentro, vivendo a vida dos seus habitantes, comungando do seu teor comum de existência, penetrando e assimilando um pouco dos seus mundos. Tudo o mais é paisagem* (Pavão, 1997:106).

E ainda na mesma obra, aparece a confissão de um genuíno ilhéu que conhece as vicissitudes de habitar um território coroadado de belezas naturais, mas afeito às intempéries meteorológicas desde o vento cortante aos sismos destruidores: *as narrativas sobre a História Insular, a constituírem-se num extenso martirólogo e num holocausto dos que não teimaram em não arredar pé*. Referia-se ele às Sete Cidades, uma das descrições mais comoventes de todo o conjunto da obra de J. Almeida Pavão, se bem que sejam irretocáveis todas as outras que aparecem em trechos sucessivos, em especial às que compõem as Aquarelas, de *A Roda do Tempo* (1993).

Na voz do narrador de *Marianinha*:

Do outro lado da cumieira e num plano bastante inferior ao das lagoas, divisava-se o mar que...parecia espreguiçar-se numa dolência de mostrengo que se deixa amansar, matizado na superfície por salpicos brancos que se moviam irregularmente com a mesma lentidão. Quanto às lagoas, eram o resultado duma natureza indomável que se devolve a si própria, repondo o caos que originou com esses rastos de beleza compensatória das suas fúrias desorganizadas. (Pavão, 1997).

Uma natureza cruel nos seus caprichos, em relação ao homem que habita as ilhas que, talvez por isso mesmo, na sua exuberância endêmica, tornam-no mais interiorizado, mais centrado na profundidade do seu ser de onde se projeta por meio de manifestações que surpreendem pela poeticidade de suas imagens tecidas por palavras cuja melodia transporta o leitor para aquele mar de saudade, ora leitoso e materno das costas da

Povoação no sentido do Nordeste, ora virilmente mexido pelo turbilhão das ondas da costa ocidental (se não estou em erro, lá pelas bandas da Ribeira Grande) da ilha de São Miguel. Muito mais se teria a dizer a respeito da obra multifacetada do escritor J. Almeida Pavão, mas o que ainda resta como sugestão é a retomada dos estudos sobre esse autor tão genuinamente açoriano que deve ter sua obra completa reeditada.

Quando comecei a traçar os objetivos desta palestra, lembrei-me de que a partir de 1992, entidades culturais catarinenses receberam do Governo Regional dos Açores bibliotecas de autores açorianos, entre eles o Núcleo de Estudos Açorianos, da UFSC, e o Museu Etnográfico – Casa dos Açores, de Biguaçu. Fui até esses locais. Realmente os livros estão lá.

Na Biblioteca Central da UFSC existem quatro títulos de livros de J. de Almeida Pavão. Onde estariam o acervo completo que em 1996, o professor visitante expôs no *hall* de entrada da reitoria da UFSC? Já naquela ocasião, pessoas queriam conhecer os livros, mas não havia exemplares à venda. Hoje continuam ausentes nas livrarias do país. Tive a sorte de receber doze publicações do autor e encontrar mais três livros nos sebos contatados pela internet e cinco nas bibliotecas públicas de Florianópolis.

Pergunto-me: quem ou quantos catarinenses leram a obra de Almeida Pavão? Amigos, alguns privilegiados que já foram aos Açores, outros poucos que sabem da existência dessas bibliotecas? Lembro mais uma vez as palavras de Jean-Paul Sartre que dizia que a obra literária é um estranho pião que só existe em movimento (2001: 35). Para que esse pião/obra literária comece a rodopiar tem de existir o ato concreto da leitura; pião e obra literária só permanecem na dança enquanto o rodopio/leitura durar. O que fazer, então?

Minha sugestão é divulgar em colóquios (e aqui a minha saudação comovida aos organizadores deste evento), escolas, universidades, associações literárias (proliferam academias...) o que tais obras, ao lado de outras de igual valor, encerram, ao mesmo tempo que revelam, do universo açoriano: tipos humanos, ideias, comportamentos, tradição, reflexões e pesquisa, desde a realidade do homem ilhéu às profundezas do imaginário. Do popular ao erudito; da cátedra ao ambiente familiar. Tudo junto: eu criador e eu social.

Obra como criação cultural, ressonância do passado que se perpetua, pela arte, além-fronteira, atingindo público que, das mesmas raízes, ainda conserva o poder de sentir-se como se *tivesse corpo e alma de Ilha, mesmo fora dela*, que sente essa *ausência perene* da qual fala o autor: *perpétua saudade que identifica a ânsia da partida com o desejo do retorno. Um cárcere que se transporta dentro de nós, à maneira duma tartaruga que fosse capaz de engolir a carapaça que a protege, mas que a oprime.* (Pavão: 1987:15)

Assim também somos e sentimos, nós, os descendentes dos que primeiro dos Açores emigraram para SC. E termino, embora pesem os preconceitos (imaginários, espero!), entre compadrios, valendo-me da despedida dos dois personagens de *Um ladrão na Noite*, de *A Roda do Tempo* (1993:168):

– *Um compadre é sempre compadre até a morte – gritava o Capote, limpando os olhos com a manga da camisa, enquanto o Roqueira, apertando-lhe o peito num amplexo mais prolongado, confirmava com a voz igualmente comovida, sublinhada por um soluço:*

– *Até à morte!*

E assim, das raízes à diáspora, para sempre, a arte permanece e, por meio dela, sobrevive a amizade, eternamente. E transcende!

REFERÊNCIAS

Açoriano Oriental. (2003) “Um humanista e incansável lutador pela cultura açoriana”, in Abertura. LITERATURA, Cultura e Evocação da Vida e Obra do Autor de “Xailes Negros”, 28 de setembro de 2003.

Mauron, Charles. (1962) Des Métaphores obsédants au Mythe Personnel. Introduction à La Psychocritique, Paris: Librairie José Corti.

Eco, Umberto. (1979) Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula. A cooperação interpretativa nos textos literários, Lisboa: Editorial Presença.

Freitas, Vamberto. (1992) O Imaginário dos Escritores Açorianos, Lisboa: Salamandra.

Garcia. José Martins. (1987) Para uma Literatura Açoriana, Universidade dos Açores: Ponta Delgada.

Kundera, Milan. (1991) A Arte do Romance, Tradução de Luísa Feijó e Maria João Delgado, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Pavão Jr., José de Almeida. (1947) Sub Tegmine Fagi. Ensaios, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada/ Livraria Âmbar.

Parreiras, Márcia M. M. (2006) Ludwig Flek e a historiografia da Ciência diagnosticada de um estilo de pensamento segundo as Ciências da Vida. Disponível em www.bibliotecadigital.ufmg.br>. Acesso em 10 fevereiro de 2012.

Pavão Jr., José de Almeida. (1956) O Sacrifício. Ensaio, Coleção Arquipélago, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada/Coimbra Editora, Limitada.

Pavão, José Almeida. (1987) O Fundo do Lago, Direção Regional dos Assuntos Culturais/SREC/Açores, Ponta Delgada: Signo Editora.

Pavão, José de Almeida. (1968) Evocações. Páginas dum Álbum, Ponta Delgada: Diário dos Açores.

Pavão, José Almeida. (1990) O Além da Ilha, Ponta Delgada: Empresa Gráfica Açoreana.

Pavão, José Almeida. (1993) A Roda do Tempo, Ponta Delgada: Direção Regional dos Assuntos Culturais.

Pavão, José Almeida. (1997) Marianinha, Ponta Delgada: Coingra.

Pavão, José Almeida (2001) Horas sem Tédio, Ponta Delgada.

Sartre, Jean-Paul. (2004) Que é a Literatura? Tradução Carlos Felipe Moisés, São Paulo: Ática.

Topa, Francisco. (1993) Apresentação de A Roda do Tempo, de José Almeida Pavão. Ponta Delgada: Direção Regional dos Assuntos Culturais. 1993. Página consultada em fevereiro de 2012 <[http:// webletras.up.pt/topa](http://webletras.up.pt/topa)>.

Unamuno, Miguel de. (1989) San Manuel Bueno, Martir. Como se hace una novela, Barcelona: Alianza Editorial, S.A.



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 14 de junho 2017 ALMEIDA PAVÃO

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

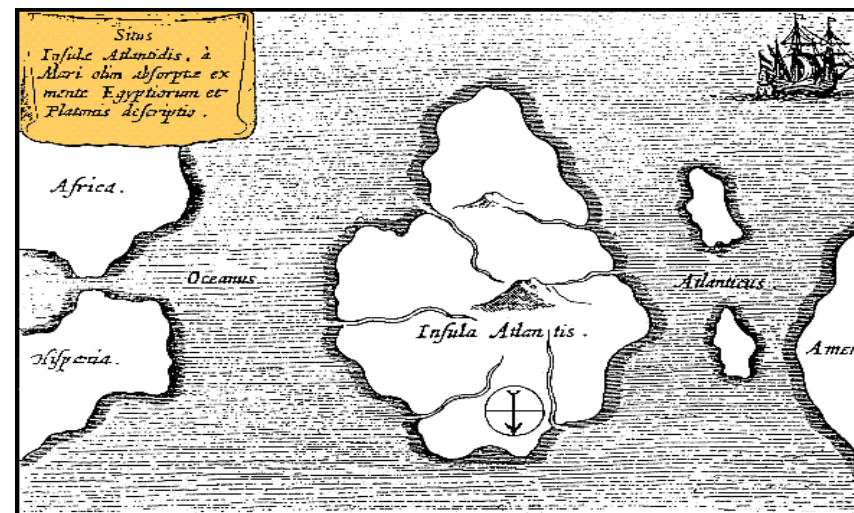
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.